

# CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

**SIMPÓSIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – 09**

**TEORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

## **PERSPECTIVAS DE GÊNEROS EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS E O IMPACTO DO MOVIMENTO SUFRAGISTA PARA A ASCENÇÃO DAS MULHERES BRASILEIRAS NA POLÍTICA INTERNACIONAL**

Mariana Botelho de Lima  
Faculdade La Salle Manaus  
maribtlh@gmail.com

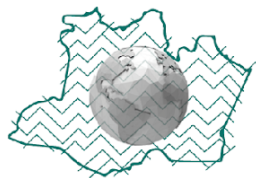
### **Resumo:**

O presente artigo tem como objetivo analisar a influência do movimento sufragista brasileiro na promoção das mulheres na política internacional. O papel da mulher na esfera internacional tem sido palco de análises em diferentes setores das Relações Internacionais, tornando-se uma temática contemporânea para os estudos sistemáticos do Sistema Internacional, a luta sufragista foi o auge da primeira onda do feminismo no mundo e desde então as mulheres vêm ganhando destaque na política, na diplomacia, principalmente em negociações onde estão abrindo caminho para a colaboração em questões globais importantes.

**Palavras-chave:** Movimento Sufragista Brasileiro; Mulheres; Política Internacional; Relações Internacionais.

### **Abstract:**

This article aims to analyze the influence of the Brazilian suffragist movement in the promotion of women in international politics. The role of women in the international sphere has been the stage of analysis in different sectors of International Relations, becoming a contemporary theme for the systematic studies of the International System, the suffragist struggle was the height of the



## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

first wave of feminism in the world and since then women have been gaining prominence in politics, diplomacy, especially in negotiations where they are paving the way for collaboration on important global issues.

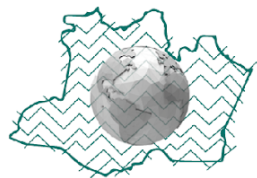
**Keywords:** Brazilian Suffragette Movement; Women; International Politics; International Relations.

### INTRODUÇÃO

O papel da mulher na esfera internacional tem sido palco de discussões e análises em diferentes setores das Relações Internacionais, tornando-se uma temática contemporânea para os estudos sistemáticos do Sistema Internacional. Depois de várias décadas de luta feminina em prol do direito de votar e ser votada, sob o movimento sufragista, a igualdade de voto foi conquistado nas primeiras décadas do século XX, tendo fortes avanços como a participação efetiva na política. O tema do artigo é delimitado em perspectivas de gêneros em relações internacionais e o impacto do movimento sufragista para a ascensão das mulheres brasileiras na política internacional, com o objetivo de analisar a influência do movimento sufragista na promoção das mulheres brasileiras na política internacional.

Os defensores do sufrágio universal no Brasil tiveram muita dificuldade em inserir o tema na discussão sobre o sistema de votação brasileiro, a partir disso, este trabalho procura responder a seguinte pergunta: Qual o impacto do movimento sufragista brasileiro para a ascensão das mulheres na política internacional? A fim de entender as perspectivas de gêneros como abordagem teórica em Relações Internacionais, ilustrar o movimento sufragista brasileiro, evidenciar as implicações do movimento sufragista brasileiro na promoção das mulheres brasileiras na política internacional, comprovar a efetividade da participação das mulheres brasileiras na política internacional.

Quanto à metodologia, foi adotado uma abordagem qualitativa para explicar o impacto do movimento sufragista brasileiro para a ascensão das



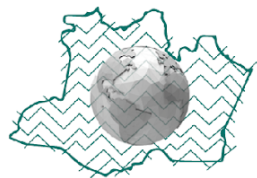
## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

mulheres na política internacional, para a coleta de dados foram utilizadas fontes de caráter exploratório, onde teve um levantamento bibliográfico e documental para ser feito uma análise mais profunda, visando solucionar o problema da pesquisa, foram analisados os resultados coletados em livros, periódicos e documentos oficiais.

### **AS PERSPECTIVAS DE GÊNERO ENQUANTO TEORIA EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

Analisar o papel do Estado no Sistema Internacional é o objetivo básico das Relações Internacionais, visando sempre entender suas ações e quem está por detrás dessas tomadas de decisões, as teorias das Relações Internacionais podem ser entendidas como ferramentas teóricas conceituais, possível compreender e explicar as consequências dos fenômenos relativos à ação humana que transcende o espaço interno dos Estados e se expande para o sistema internacional, desse modo os Estudos de Gênero acontecem no que é chamado de terceiro debate das Relações Internacionais. Em outras ciências sociais, o Feminismo apresentava uma entrada crescente desde a década de 1960, enquanto somente na década de 1980 ele ingressa nas Relações Internacionais, fazendo com que autoras como Sandra Harding (1987) e Ann Ticknner (1992) afirmem que houve uma entrada tardia da perspectiva feminista nas Relações Internacionais.

A área da Relações Internacionais sofreu uma crise intelectual diante da crítica pós-moderna, foi reconhecido a necessidade em repensar essas mesmas teorias agora que existia uma geração pós-guerra corroborando com novas teorias modernas. Segundo Squires e Weldes (2007), o estudo do gênero nas RIs pode trazer contribuições em temas como cooperação, conflito, segurança internacional e temas considerados mais bem abordados por homens. Com as mudanças e a bipolaridade internacional, torna-se necessário repensar o objeto de estudo das Relações Internacionais e abandonar a concepção de sistema internacional e termos apenas de relações entre os Estados soberanos.



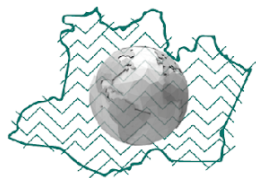
## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

### ILUMINISMO

Um dos principais pensadores no iluminismo do século XVIII foi Jean-Jacques Rousseau, sendo a favor do contrato social como forma de promover a justiça social para todos os homens (FILOSOFIA, 2000). A feminista Mary Wollstonecraft, no iluminismo, teve embates teóricos contra os pensamentos de Rousseau, pois para ela o filósofo não incluía as mulheres no seu discurso em prol da liberdade do homem e tudo que ele buscava para a sociedade na época, declarou acreditar que escritores como Rousseau têm tratado de temas como da educação e das causas femininas como forma de tornar as mulheres cada vez mais frágeis, artificiais e inúteis como membros da sociedade (WOLLSTONECRAFT, 2015). Ainda em seu livro “Reinvidicação dos direitos da Mulher”, ela faz uma crítica a toda opressão patriarcal que as mulheres sofriam, analisando o modo como a mulher foi reprimida na sua infância com a distinção de sexo, ironiza uma fala de Rousseau: “Eduquem as mulheres como os homens e quanto mais se parecem com nosso sexo menos poder terão sobre nós.” (ROUSSEAU apud WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 87), alegando que isso era exatamente o que ela pretendia, mas que não desejava que as mulheres tenham poder algum sobre os homens e sim sobre elas mesmas.

Simone de Beauvoir foi uma seguidora do movimento iluminista de Wollstonecraft, não como uma sucessora porque sua originalidade sempre foi absoluta, ela segue sendo a principal autora feminista e um dos maiores ícones do feminismo por conta de suas publicações sobre o papel da mulher na sociedade. Em sua obra mais importante intitulada “O Segundo Sexo” é possível notar que a filósofa francesa colaborou com a discussão a respeito das questões de gênero, entendendo que a mulher assumiu o lugar do outro, da desvalorização feminina, do que o homem ditava para a existência da mulher, onde a mulher não é o sujeito e sim o outro, tratando-se de uma desigualdade socialmente construída, sendo uma condição determinada pela cultura (BEAUVIOUR, 1980).





## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

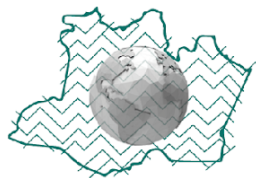
### TEORIA FEMINISTA

A epistemologia feminista inclui debates sobre justiça e igualdade de oportunidades para as mulheres e sua participação cujo propósito político é se opor e corrigir a opressão das mulheres, sua doutrina principal é compreender e facilitar as relações assimétricas entre homens e mulheres nas esferas social, econômica, cultural e política, acabando com esse preconceito de gêneros que vem desde séculos passados.

A Teoria Feminista é uma teoria pós-moderna para alguns autores nas Relações Internacionais, visto que tem o caráter de questionamentos das teorias positivistas e traz novas perspectivas de análise. Dessa forma J. Ann Ticknner, que em seu livro *Gender in International Relations* (1992), inicia o debate trazendo a pouca presença de mulheres como autoras políticas relevantes na política internacional e como acadêmicas em Relações Internacionais. Segundo Squires e Weldes (2007), o estudo do gênero nas Relações Internacionais pode trazer contribuições em temas como cooperação, conflito, anarquia, segurança internacional e demais temas considerados mais bem abordados por homens.

Dentro das Relações Internacionais há três variedades do feminismo, retomando o pensamento de Ticknner (1992, p. 13) que traz uma rápida diferença entre as feministas presentes na discussão teórica: marxistas e radicais: “Enquanto marxista feministas acreditam que o capitalismo é a fonte da opressão das mulheres, feministas radicais afirmam que as mulheres são oprimidas pelo sistema de patriarcado que existe em quase todos os modos de produção.”. As feministas liberais, uma das três variantes do feminismo, são consideradas as pioneiras do debate sobre a ascensão das mulheres na política internacional trazendo à tona duas perspectivas: (1) a inclusão das mulheres nos espaços tradicionais de política internacional; (2) a forma como os lugares que eram ocupados pelas mulheres eram tornados invisíveis politicamente (WHITWORTH, 1994).

As três variantes do feminismo foram e são importantes para uma análise a respeito da participação das mulheres nas Relações Internacionais, permitindo



## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

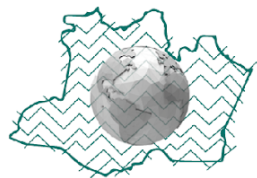
interpretar a luta feminista ao longo das décadas, expondo a exclusão das mulheres do discurso teórico, inviabilizando a luta contra a opressão e seu papel nas transformações sociais, trazendo a necessidade da reconstrução teórica e buscando trazer a questão do gênero para dentro das discussões desse campo diplomático.

### O MOVIMENTO SUFRAGISTA

Após a primeira guerra mundial, alguns países passaram a permitir que certas mulheres passassem a votar, a luta sufragista foi o auge da primeira onda do feminismo no mundo, com um grupo de operárias que organizaram protestos pacíficos no início do século XX para reivindicar os direitos de voto, conseguir equidade participativa na política e acesso feminino a espaços utilizados somente por homens naquela época. As mulheres que fizeram parte do movimento sufragista, falando em uma contextualização internacional, foram parte de uma vanguarda “de mulheres empenhadas na vida ativa, instruídas, oriundas da pequena e média burguesia” (ARNAUD-DUC, 1991, p. 100).

### MOVIMENTO SUFRAGISTA BRASILEIRO

A luta feminista brasileira em prol dos direitos de voto teve inspirações internacionais, no início do século XX as brasileiras tomaram conhecimento da luta pelo direito de voto e ser votada, mudando suas concepções. A discussão pelo voto feminino chegou ao Congresso Nacional em 1891, depois de tantos protestos de defesas ao sufrágio feminino, porém, a exigência do sufrágio foi negada sob os membros da Assembleia Constituinte de 1891. A discussão sobre o direito de voto às mulheres passou por várias reuniões entre os membros da Assembleia Constituinte, chegando em emendas apresentadas por alguns dos deputados que lutaram para a ingressão das mulheres na política, ainda que de forma limitada. Várias emendas foram apresentadas e posteriormente desaprovadas, mas abriu um leque de oportunidades.



## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

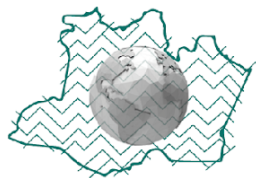
### MULHERES IMPORTANTES NA POLÍTICA INTERNACIONAL

A atuação das mulheres na política internacional desencadeou uma forte relação de cooperação entre os Estados, assim como uma atenção ainda maior para os direitos das mulheres, para o seu lugar nas relações internacionais. Em 2011, a revista Forbes trouxe uma lista das mulheres mais poderosas na política internacional, nomes como Angela Merkel, Dilma Rousseff, Michelle Obama e Christine Lagarde aparecem no primeiro rank da lista.

Angela Merkel foi chanceler da Alemanha no período de 2005 até 2021, sendo a primeira mulher a estar no cargo de primeira-ministra da Alemanha. Dilma Rousseff ficou em terceiro lugar no ranking Forbes, ficando atrás somente de Angela Merkel e Hillary Clinton, ela fez história se tornando a primeira mulher a assumir a maior economia da América Latina: Brasil. Michelle Obama é uma das mulheres mais importantes para o empoderamento feminino, em 2016 discursou na campanha Let Girls Learn – Deixem as Garotas Aprenderem – sua fala foi uma crítica ao sexismo que ela sofreu ao longo da sua vida, incentivando as mulheres a se empoderarem cada vez mais. Em sexto lugar do ranking Forbes de 2011 encontra-se Christine Lagarde, pois do período de 2011 a 2019 ocupou o cargo de diretora do Fundo Monetário Internacional, sendo a primeira mulher a ocupar essa posição na organização financeira internacional desde 2019, é a presidente do Banco Central Europeu.

### DILMA ROUSSEFF

Dilma Rousseff foi eleita a 36ª presidente do Brasil em 2010, sendo a primeira e única mulher a ocupar o cargo de chefe de Estado da República Federativa do Brasil, em 2005 foi nomeada ao cargo de ministra-chefe da Casa Civil, sendo também eleita a primeira mulher para esta função, abrindo portas para outras mulheres serem nomeadas como Eurenice Guerra, Gleisi Hoffmann e Eva Chiavon (LAMEIRÃO, 2011). Antecedente ao seu cargo de ministra-chefe da Casa Civil, Rousseff foi ministra de Minas e Energia do Brasil entre meados de



## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

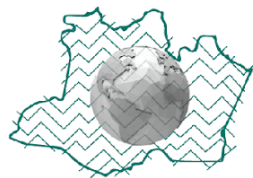
2003 a 2005 (DIAP, sem ano), sendo também a primeira e única mulher a ocupar o cargo entre os trinta e dois ministros.

### **ATUAÇÃO DAS MULHERES BRASILEIRAS NA POLÍTICA INTERNACIONAL**

O ingresso ao serviço diplomático brasileiro só acontecia por meio de indicações até meados os anos 40, após esse ingresso passou a acontecer por meio de concurso público. A primeira mulher a passar em um concurso público aconteceu em 1918, ano em que as mulheres foram permitidas pela primeira vez na carreira do Serviço Exterior (AGGESTAM; TOWNS, 2018). Após um ano, de 1919 a 1938 especificamente, dezoito mulheres ingressaram no Itamaraty, mas ainda assim sofriam limitações advindas do nível hierárquico dos homens diplomatas presentes no Ministério das Relações Exteriores, desta forma foi decretado que apenas indivíduos do sexo masculino poderiam ingressar no serviço diplomático (BALBINO, 2009), sendo tratadas como forma de apoio administrativos e não, de fato, diplomatas. O espaço na política, principalmente em tomadas de decisões, tem sido cada vez mais ocupado por mulheres. A participação das mulheres brasileiras em missões de paz entre os anos de 2010 e 2017, os gráficos existentes a respeito das mulheres brasileiras em missões de paz traduzem a existência de três fases no período de participação: fase 1. o Brasil desdobra batalhões na MISNUTAH com mais mulheres integrando a tropa, promovendo uma forte participação de mulheres no imediato pós-terremoto no Haiti; 2. entre 2013 e 2017 uma média de 19 mulheres eram desdobradas por mês, tendo um momento de ápice de 26 mulheres escaladas em múltiplas missões de paz entre os anos de 2015 e 2016; 3. De 2017 até os dias atuais, houve uma queda na participação das mulheres brasileiras em missões de paz (Hamann; Giannini; Abreu, 2019). Mesmo com essa queda, o Brasil é reconhecido internacionalmente por sua liderança e sucesso na missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

### **CONCLUSÃO**





## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

A Teoria Feminista trouxe um ciclo revolucionário de grandes proporções para o cenário internacional, com isso a sede feminina pela mudança se alastrou para as mulheres que de forma organizada lutaram por seus direitos à cidadania e por respeito, pois somente eram reconhecidas como figuras maternas e esposas, até mesmo como procriadoras. É válido sempre se lembrar que, em termos de movimentos sociais, nada é dado e sim conquistado, cada direito que as mulheres têm hoje foi conquistado sob muitas reivindicações, grandes pensadoras morreram lutando por décadas para que hoje uma mulher possa participar ativamente na política, mesmo que ainda de forma tão pouca.

O Movimento Sufragista Brasileiro trouxe grandes oportunidades para a evolução do papel da mulher no mundo internacional, proporcionou a aceleração e o desenvolvimento da atuação feminina nas Relações Internacionais, promovendo oportunidades em cargos de representatividade estatal, bem como representar o Brasil em Missões de Paz pela ONU. A participação das mulheres no âmbito da política internacional trouxe várias mudanças significativas, promovendo a criação de entidades e projetos, como a ONU Mulheres e o Projeto Atenea (Site Oficial da ONU Mulheres, sem ano), direcionados aos objetivos de encorajar e acelerar a atuação feminina na política.

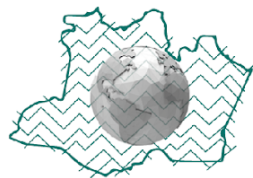
### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGESTAM, Karin; TOWNS, Ann E. Gendering Diplomacy and International Negotiation. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.

ARNAUD-DUC, N. As Contradições do Direito. In: FRAISSSE, G.; PERROT, M. História das Mulheres no Ocidente. v. 4: O Século XIX. Porto: Afrontamento, 1991.

Arquivo Nacional, fundo FBPF; Diário Oficial, (17/12/1910); MELO, H.; MARQUES, T. Partido; Registros de Sociedades Civis, 1º Ofício de Títulos e Documentos, 18/8/1911.

BALBINO, Viviane Rios. Diplomata: substantivo comum de dois gêneros: um estudo sobre a presença das mulheres na diplomacia brasileira. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.



## CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO AMAZONAS

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo – Fatos e Mitos. 4ª edição. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BOOK, Joakim. The Choice of Christine Lagarde for the ECB. American Institute for Economic Research, 2019.  
Disponível em: <<https://www.aier.org/article/the-choice-of-christine-lagarde-for-the-ecb>>  
Acessado em: abril de 2023.

FILOSOFIA. Sem Título. São Paulo, ano 2000, pág. 220-223.

HAMANN, E. GIANNINI, R. PEREIRA, P. A. Mulheres Brasileiras em Missões de Paz: A Coragem em Dados e Relatos. Artigo Estratégico, 2019.

HARDING, Sandra. Feminism and Methodology: Social Science Issues. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

HARDING, S. The Science Question in Feminism. Ithaca: Cornell University Press, 1986.

LAMEIRÃO, Camila. A Casa Civil como instituição do Executivo federal. Rio de Janeiro: 2011.

Liderança e Participação Política. Onu Mulheres Brasil, sem ano.  
Disponível em:  
<<http://www.onumulheres.org.br/areas-tematicas/liderancaeparticipacao/>>  
Acessado em: outubro de 2020

Ministra-Chefe da Casa Civil. DIAP, sem ano.  
Disponível em:  
<[https://www.diap.org.br/images/stories/ministra\\_chefe\\_da\\_casa\\_civil.pdf](https://www.diap.org.br/images/stories/ministra_chefe_da_casa_civil.pdf)>  
Acessado em: maio de 2023.

SQUIRES, Judith A.; WELDES Jutta. Beyond being Marginal: Gender and International Relations in Britain. British Journal of Politics and International Relations, v.9, n. 2, 2007.

TICKNER, J. A. Gender In International Relations: Feminist Perspectives On Achieving Global Security. New York: Columbia University Press, 1992.

WHITWORTH, S. Feminism and International Relations. Londres: Macmillan Press, 1994.

WOLLSTONECRAFT, Mary. “Reivindicação dos direitos das mulheres”. Tradução e notas de Andreia Reis do Carmo. São Paulo: Boitempo, 2015.